

## LÍDIA DE TEIVE E ARGOLO

### **Nelson Rodrigues e Suzana Flag: de quem é a voz no romance autobiográfico Minha Vida?**

#### Introdução

Quando se menciona um autor como Nelson Rodrigues é comum que venha à mente algumas de suas obras como os contos de *A vida como ela é...*, a dramaturgia, as crônicas esportivas ou até mesmo alguns dos “tipos” da galeria do autor. Muito menos recorrente é que se pense nos seus romances, publicados em folhetim com a assinatura do pseudônimo Suzana Flag.

Porém, os pouco lembrados romances foram consumidos avidamente pelos leitores dos periódicos onde foram publicados entre 1944 e 1953. Isso pode ser notado através de alguns números elencados por Ruy Castro (1993, p. 186):

[...] o primeiro romance *Meu destino é pecar* (1944) dobrou sucessivamente a circulação de exemplares de *O Jornal* de três para seis mil exemplares, daí para doze mil, chegando a quase trinta mil no desfecho da trama. *Minha Vida*, publicado entre julho de 1946 à fevereiro de 1947 na revista mensal *A Cigarra*, aumentou a tiragem de oitenta mil no início do romance, para 105 mil exemplares no último capítulo, transformando a revista no mensário de maior circulação do Brasil no momento.

Considerando os dados mencionados, a ideia presente nas próximas linhas é situar a trama do romance *Minha vida* na discussão acerca da recepção da literatura, privilegiando as especificidades do discurso prosaico, como sugere Bakhtin (1998), e as possibilidades do horizonte de expectativa com o qual uma obra literária se defronta, tal como propõe Jauss (1994).

### A voz e o horizonte de *Minha Vida*

Em se tratando da realização da análise de um romance e seu contexto, a discussão proposta por Bakhtin (1998) se mostra elucidativa da composição do produto literário, pois considera a superação do tratamento ao romance oferecido pela estética tradicional e privilegia as especificidades do gênero romanesco dentre os gêneros de discurso prosaico.

Até a década de 1920 o discurso do romance era considerado enquanto um discurso poético em um sentido estrito, ou seja, um discurso que unifica e centraliza, situado naquilo que há de fixo e imutável na língua. É justamente contrastando com tal caracterização do discurso poético que Bakhtin expõe as especificidades do discurso prosaico, em meio ao qual a forma do romance recebe maior atenção. Utilizando este contraste, Bakhtin (1998), sugere que há no romance uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente. O discurso estaria ligado com a vida num mundo de falas e línguas diferentes. Através dessa ligação com a dimensão social, que supera os limites do contexto da própria produção literária, observa o autor, que a estratificação interna de cada língua em cada momento dado de sua existência histórica constitui premissa do gênero romanesco. Portanto, um “plurilinguismo social” é introduzido no romance através de elementos que lhe são constitutivos, tais como o discurso do autor, o discurso dos narradores, os gêneros intercalados, o discurso dos personagens. Esses elementos, considerados enquanto unidades básicas de composição, são unificados no todo que é o próprio romance. A voz do autor ressoaria então dentre tais vozes multidiscursivas. Em meio a esse emaranhado de vozes, o prosador tenta dizer aquilo que lhe é próprio na linguagem de outrem, deparando-se a cada momento dado com linguagens de diversos períodos e épocas da vida sócio-ideológica coexistentes.

O plurilinguismo penetra no romance e se materializa nele nas figuras das pessoas que falam, ou então serve como fundo ao diálogo.

Em meio a esse contexto de vozes, que possuem no discurso prosaico representantes de carne e osso confrontados nos diálogos internos do produto literário, a distância entre o autor e a linguagem de sua obra pode apresentar graus variados. Ele pode utilizar a linguagem sem se entregar a ela e ao mesmo tempo a obriga a servir às suas intenções. Fica sugerida então a fluidez dos limites entre a fala do autor e a fala do outro — no caso, o outro com quem o autor dialoga dentro dos limites do texto.

Para além da consideração apenas do diálogo interno do romance, a ideia de que a obra literária é condicionada pela relação dialógica entre literatura e leitor, presente na proposta de Jauss (1994), levanta mais elementos que complementam a noção do romance como gênero literário/discursivo. Segundo Jauss, a literatura não existe por si só, ela é uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura. Nessa perspectiva, nota-se que a ênfase no autor e no ato de dialogar idealmente através das diversas vozes internas ao texto cede espaço para a consideração do ato da leitura.

Segundo Jauss (1994), a relação entre literatura e leitor possui uma implicação estética, na medida em que a recepção primária de uma obra pelo leitor encerra uma avaliação de seu valor estético em comparação com outras obras já lidas. Além disso, é considerada também a implicação histórica desta relação, manifesta na possibilidade de, numa cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração, decidindo o próprio significado histórico de uma obra e tornando visível sua qualidade estética. A historicidade da literatura repousa no experimentar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores.

Esse pressuposto da história da literatura, através do qual Jauss (1994) propõe o encadeamento geracional de recepções, encontra-se também no modo como o autor desenvolve a noção de “horizonte de expectativa”. Para ele o horizonte de expectativa de uma obra torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e

do grau segundo o qual ela produz efeito sobre um suposto público. Essa noção traz em si uma propriedade fundamental: a partir do que o autor denomina de “distância estética”, ou seja, a distância entre o horizonte preexistente e a aparição de uma obra nova, é possível que se note a mudança de horizonte. Isso porque tal mudança se processa pela negação de experiências conhecidas ou pela conscientização de outras jamais expostas.

A reconstrução do horizonte de expectativa sob o qual uma obra foi criada e recebida no passado possibilita a percepção das questões para as quais o texto constitui uma resposta e também que se descortine a maneira pela qual o leitor de outrora terá encarado e compreendido a obra. Um texto só pode ser entendido quando se compreende a pergunta para a qual ele constitui uma resposta.

Em seguida à essa aproximação de ideias, é interessante ensaiar alguns nexos entre a teoria exposta e uma realização literária que traduz algumas das questões acima tocadas. Trata-se do romance *Minha vida*, escrito por Nelson Rodrigues e assinado com o pseudônimo Suzana Flag, publicado em um mensário que se dirigia primordialmente ao público feminino.

### As linhas gerais da trama

*Minha vida*, romance publicado em folhetim na revista *A Cigarra*, de julho de 1946 a fevereiro de 1947, conta em 1ª pessoa a história de Suzana Flag, mais precisamente as peripécias envolvidas no seu despertar enquanto mulher. A narrativa tem início com o suicídio dos pais de Suzana, momento no qual sua mãe confessou que nunca havia lhe amado, traía o marido e ingeriu veneno ao descobrir que seu jovem amante, Jorge, amava outra. Em seguida, ainda no velório, seu pai se matou com um tiro na cabeça. Suzana, então com 15 anos, ficou aos cuidados da avó materna, D. Marta, e de Aristeu, irmão de criação de seu pai.

As vontades de D. Marta e de Aristeu dependiam de Suzana para serem satisfeitas: Aristeu era um homem solitário, foi traído pela primeira mulher, amou no passado a mãe de Suzana e a perdeu para o irmão. Ele reconhecia na sobrinha a possibilidade de reviver esse amor. Dona Marta, que amou apenas a um homem, mas não pôde se casar com ele, via na felicidade de Jorge, filho do seu amor de juventude, a possibilidade de vencer sua frustração.

Ainda não recuperada da perda dos pais, Suzana descobriu que D. Marta planejava casá-la com Jorge. Porém, o casamento ia de encontro aos planos de Aristeu. Sob as ordens de Aristeu, aceitou se casar com o tio apenas formalmente para escapar da avó. Foi assim que Suzana, Dona Marta, suas duas tias solteironas, Jorge e as três irmãs dele foram visitar a ilha de Aristeu, lugar onde ele vivia e reinava absoluto.

Ao chegar à ilha, os convidados descobriram que não eram visitantes, eram prisioneiros de Aristeu e só seriam soltos quando ele estivesse casado com a sobrinha. Esta não sairia nunca da ilha, viveria lá como a única mulher junto ao seu marido que seria o único homem. No universo da ilha se desenrolou a trama: Jorge foi encarcerado para que ficasse longe de Suzana. Duas irmãs de Jorge se apaixonam por Aristeu, pois reconheciam nele um homem capaz de paixões violentas. Durante quase toda a narrativa, D. Marta se dividia entre evitar que Jorge fosse assassinado e pôr em prática um plano para matar Aristeu e fugir da ilha.

Depois de muitas dúvidas, Suzana descobriu o amor por Aristeu e seguiu com ele para uma ilha ainda menor, voltando apenas dois dias depois para reencontrar os demais que então foram levados embora da ilha.

Deixando em suspenso os limites do enredo, cabe ainda ressaltar um elemento: o mote de *Minha vida é o despertar* de Suzana Flag enquanto mulher. Cabe esclarecer o que significa, dentro dos limites do texto, esse “despertar”. Isso pode ser captado a partir de falas

de D. Marta ou das reflexões de Suzana diante das pressões que se apresentavam a ela. Por exemplo, quando Suzana se recusou a casar com Jorge, D. Marta seduziu Suzana a levando para conhecer o quarto de sua mãe. No ambiente onde cada detalhe remetia à intimidade de sua mãe, Suzana foi praticamente subornada ao descobrir que herdaria tudo que estava ali. Em uma espécie de transe, esqueceu a resistência ao casamento diante do fascínio de usar os objetos delicados.

Um outro elemento que expõe mais um traço daquilo que é revelado como “ser mulher”, é a relação de rivalidade entre Suzana e Noêmia. Pode-se até brincar que a relação que traçou o seu destino foi com Noêmia e não com Aristeu. Não foi Aristeu quem desperitou o amor de Suzana: o que a fez ceder e casar com Aristeu foi o prazer de derrotar a rival.

### **Substituindo conclusões por conexões**

Traçadas as linhas gerais do romance *Minha vida*, pode-se ensaiar algumas conexões entre os conceitos aludidos e a obra. Seguindo a recomendação de Jauss (1994), é interessante situar *Minha vida* na série literária na qual foi criado. Assim, situar *Minha vida* no conjunto da obra de seu autor pode ajudar a compreender importantes questões acerca do texto.

O conjunto da obra de Nelson Rodrigues transita por quatro tipos de produção. Antes de ingressar na dramaturgia, Nelson Rodrigues trabalhava como jornalista. Nas colunas onde assinava crônicas de esporte, ele fornecia aos leitores uma descrição pouco objetiva do que ocorria em campo. Tratava-se de uma comunicação direta de emoções entre amantes do futebol. Havia também as crônicas de costume, memórias e confissões publicadas em diversos jornais. Através desses textos o autor expressava um discurso direto ao público:

se dirigia a figuras da política, respondia a críticas que recebia, criticava outras tantas questões e pessoas.

A atuação de Nelson Rodrigues na dramaturgia não poderia ser comentada de forma satisfatória de maneira tão ligeira, porém, pode-se ressaltar que foi considerada digna de nota pelos intelectuais por se afinar a princípios que advogavam a autonomia da arte em relação à aceitação do público e do êxito comercial. Nos momentos em que a produção teatral de Nelson Rodrigues esteve afastada dos palcos, saíam nos jornais os contos de *A vida como ela é...* que traziam sempre a história de uma adúltera.

Os romances de Nelson Rodrigues contam histórias de situações-limite, porém a tragicidade não diz respeito à humanidade de uma maneira geral como se vê nas peças do autor. Os destinos trágicos dos personagens romanescos via de regra pertencem a mulheres. Trata-se de uma literatura escrita com um destino certo: um público feminino. A maneira como o autor via as mulheres em suas relações orientava o tom descompromissado de princípios estéticos dos folhetins rodrigueanos. Foi nessa série literária que nasceu *Minha Vida*, um romance escrito para mulheres que tivessem como preocupação “ser ou não ser” amadas.

Segundo indica a curva de distribuição da revista que o veiculou, *Minha vida* constituiu uma unidade das vozes do autor e dos personagens construídos dialogicamente de forma tal que é difícil tratar da questão da distância estética. Pode-se dizer que *Minha vida* não propôs experiências distantes das vividas pelas mulheres que leram a história ou presentes no seu imaginário.

Voltando à pergunta título deste exercício, não se pode dizer que se trata estritamente da voz de Nelson Rodrigues em *Minha Vida*. Trata-se da voz de Nelson Rodrigues ressoando em meio a uma série de outras vozes, de representantes de homens e mulheres construídos imaginativamente pelo autor. Pode-se dizer que há a voz

de Suzana Flag, ou do que se imagina da mulher bonita, a voz da mulher que amou e teve seu amor frustrado, da mulher que nunca foi amada, do homem que foi traído e mais uma série de variações desses tipos humanos.

## REFERÊNCIAS

- ARGOLO, L. T. *O teatro de Nelson Rodrigues: itinerários de uma comunicação artística*. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Unesp, 1998.
- CASTRO, R. *O anjo pornográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à crítica literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- FLAG, Suzana (Pseud.). *Minha vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Suzana Flag é o pseudônimo de Nelson Rodrigues.